

17-05-2024

**CARTA A LUZIA, MINHA AVÓ (2)****Ricardo Fernandes Gonçalves**

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

*A travessia do Chapadão é uma imagem festejada nas minhas lembranças do período em que vivíamos na fazenda da Serra. O barulho dos passos remansados do cavalo Quebra-mola nos trilheiros de chão vermelho batido se misturava às revoadas de curiangos, inhambus, corujas e pica-paus. Quando adentrávamos o Cerradão entre a vegetação de raízes profundas, tortuosa e castigada pelo período seco dos meses de julho e agosto, diante da imensa diversidade daquela paisagem, perguntava ao vô Divino o nome das árvores. O vô era um exímio conhecedor do Cerrado, nomeava cada planta e descrevia seus usos no sertão. Possuía saberes ancestrais, transmitidos por gerações de mulheres e homens que nasceram e viveram nos confins do sertão mineiro. Me mostrava o pau bate-caixa e explicava que esse epíteto decorre do barulho feito pelo toque das folhas grandes e ásperas quando agitadas pelo vento. Existiam a sucupira branca e preta, barbatimão, jacarandá, pacari, cabiúna, lixeira, peroba, angico, maminha de porca, folhinha-miúda e pau-terra. Entre as frutíferas, ele destacava o pequizeiro, mama-cadela, araçá, gabiroba, araticum, lobeira, mama cadela, mangabeira e cagaiteira. Algumas árvores perdiam completamente as folhas entre os meses de junho e setembro. Não importava, o vô identificava cada uma delas pela textura e coloração da casca, estatura e tortuosidade dos troncos e galhos. No mês de setembro, quando as chuvas iniciavam, a travessia no Chapadão tornava-se cuidadosa devido aos trilheiros escorregadios e às tempestades imprevisíveis durante a noite. Quando o céu escurecia e as ventanias, trovoadas e relâmpagos estremeciam o horizonte, a senhora começava a cantarolar a oração de Santa Bárbara. Ainda me lembro dos versos dessa reza que dizia ter aprendido quando criança: “Levantou Santa Bárbara / se vestiu e se calçou / em seu caminho caminhou / encontrou nosso senhor / nosso senhor perguntou / onde vais Bárbara virgem / senhor vou / senhor vou / abranda os trovões e tempestades / mandarei para o mundo de Santa Helena onde não fará mal a ninguém...”. As primeiras chuvas tocavam a paisagem como um milagre de cores, brotos de folhagens e gramíneas silvestres. Nesse período as nuances de verde embrulhavam a vegetação. As cigarras avultavam cantorias sinfônicas entre um tronco e outro das árvores. Os pássaros bailavam entre as ramagens e sacolejavam a penugem molhada. O solo úmido, avermelhado e profundo tinha o odor peculiar do sertão chuvoso. Por volta do mês de novembro, os frutos de cagaíta enchiam o chão umedecido de um amarelo tão intenso como as pinturas de Van Gogh. Entre as árvores que cobriam o Chapadão, o amarelinho, o vinhático, a sucupira branca e o jacarandá eram utilizados para fazer cerca de arame farpado. Era com essas madeiras que o vô cercava de canto a canto o latifúndio do Osvaldo Bento. As cercas não separavam apenas as propriedades dos fazendeiros da região, elas também demonstravam que poucas famílias se agarravam às heranças e excluía os meeiros, agregados e roceiros de qualquer possibilidade de direito à terra.*

*O máximo que esses trabalhadores conseguiam era um pedacinho de roça para o plantio e a colheita à meia. Mas, ao final, tudo acabava nas mãos do patrão. Nas bandas de Santa Rosa dos Dourados, a fazenda da Serra era um dos maiores latifúndios. Era parte das terras que pertenciam aos antepassados do proprietário, e onde a escravização do trabalho existiu sem nenhuma comiseração. Na sede antiga da fazenda existiam resquícios de correntes com argolas enferrujadas e de um tronco de madeira onde escravos eram amarrados e torturados. Ouvíamos dizer que no porão da casa tinha um livro de anotações antigo, com descrições da produção de arroz, quantidade de gado, dívidas, tarefas e nomes dos escravizados. Nas proximidades do casarão, subindo em direção à Chapada, ainda tinha uma cruz de aroeira onde afirmavam que um amansador de cavalo bravo foi morto ao cair do animal. Recordas dessas histórias? O vô costumava narrar causos antigos. Ele emendava narrativas misturando fatos e imaginação, nomes de pessoas antigas e acontecimentos que nunca sabíamos se era verdade ou fabulação. Geralmente enarrava causos de assombrações que povoavam o imaginário sertanejo. Ficávamos amedrontados e o trote do Quebra-mola acelerava. Afinal, tínhamos medo de almas do outro mundo e do tinhoso. O medo estava implicado no cotidiano de quem vivia no sertão. Em um mundo de solidões gerais, noites medonhas, trabalho grosseiro, desconhecimento das novidades das forças produtivas e científicas, recorriamos às manifestações do catolicismo de roça. Simpatias, terços, rezas contra mau-olhado, quebranto, tempestades, cobra e demais animais peçonhentos. Por isso, era comum estrugir preces em voz alta e sozinho naquelas noites remotas do Chapadão. Rezar, contar causos, nomear árvores, pássaros e bichos era uma maneira de entretermos nas travessias longas e vagarosas pelo Chapadão da fazenda da Serra. O vô era brincalhão, desatava risos longos ao contar histórias longas, que vinham do tempo por ele denominado de carrancismo. A senhora se lembra dessa palavra? Depois de muitos anos pesquisei no dicionário e descobri que o significado dela remete ao apegado a costumes e práticas antigas e atrasadas. Para ele, o tempo do carrancismo explicitava um período de muitas dificuldades, alimentação minguada, pés descalços nas roças, moradia em ranchos tomados por barbeiros, analfabetismo e trabalho rude dos sertanejos nas fazendas alheias. A senhora e o vô costumavam dizer que eu era o guia por aqueles atalhos, colchetes e encruzilhadas do Chapadão. Quando chegávamos ao colchete que dividia a fazenda da Serra e a fazenda dos Abílios deixávamos para trás o córrego Santa Rosa e a invernoada onde o homenzarrão do Mané Joaquina batia com foice todo início de ano. Do alto da serra a paisagem do Cerrado acinzentada desabrochava no horizonte. À medida que avançávamos pela estrada imiscuída no Cerradão, os cachorros Sheik e Baru latiam com algum bicho. Numa das vezes em que isso aconteceu, por medo, voltamos e passamos a noite na casa de seus irmãos no Brejo dos Machados. Outra vez, os cachorros danaram a latir e o vô dizia que se cheirasse café torrado era onça. Assustamos e voltamos para passar o resto da noite na casa dos Ogenas. Uma vez ao mês saíamos do distrito de Santa Rosa depois da missa do padre Rui e percorríamos as estradas da fazenda dos Abílios ou do Vanderlei Padre.*

.....



*Com frequência topávamos com o João Lázaro próximo à ponte do Dorico, enrolado em uma capa preta longa, de chapéu e montado em um cavalo a passos lerdos na escuridão da noite. O vô dizia boa noite para o cavaleiro, ele respondia em voz baixa, nos afastávamos e seguíamos pela estrada devoluta. Quando chegávamos a certa altura depois de atravessar o córrego Santa Rosa, o vô começava a dizer: “oh Ricardo, você enxerga bem e está nos guiando. Fique observando a estrada, daqui a pouco passaremos no rumo da casa do Bastião Costa. Mas, se você e a Luzia preferirem, voltaremos pela fazenda do Fernando. O Cerrado está muito escuro, é perigoso agarrar nos galhos das árvores e cairmos do cavalo.” Para que eu não cochilasse sentado na cabeça do arreio, ele brincava e falava que as cantigas dos curiangos imitavam e repetiam a frase: “o Ricardo não quer trabalhar, o Ricardo não quer trabalhar...”. Perguntava se eu escutava a toada do pássaro, mas era a senhora que respondia: “Divino, o curiangos tá cantarolando é ao contrário: o Ricardo é trabalhador, o Ricardo é trabalhador...”.*

.....

*Outras vezes, quando fazia cócegas em mim, a senhora, em resposta, cutucava as costelas dele com graça. Nós três ríamos sozinhos dessas traquinagens em meio ao breu do Chapadão. ....*

*Espero que ao ler esta carta, compreenda as eclosões de alegria e emoção que senti ao escrevê-la. Narrar minhas experiências da infância é uma maneira de significá-las em sintonia com os sentimentos de agradecimento e carinho por tudo o que a senhora e o vô fizeram. Sei que agora, com mais de 80 anos de idade, vive sossegada com o tio Manoel na Comunidade de Brejo Grande e, talvez, muitas lembranças da fazenda da Serra sejam dolorosas e tristes. Contudo, quando recordamos o barulho do casco duro do Quebra-mola nos trilheiros do Chapadão, o batuque das folhas de bate-caixa agitadas pelo vento, o piado dos curiangos e os causos remotos narrados pelo vô, descobrimos a singeleza daquele tempo que ainda vive dentro de nós.*

*Abraços de seu neto, Ricardo*

■ ■ ■

**OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.**